

Quando a morte ronda os campos: futebol e genocídio em Ruanda

When death haunts the fields: football and genocide in Rwanda

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte / Brasil

CNPq

cornelsen@letras.ufmg.br

Resumo: Nossa contribuição visa a refletir sobre o impacto, no âmbito do futebol, do genocídio ocorrido de abril a julho de 1994 em Ruanda. Uma das principais modalidades esportivas e de lazer no país, por décadas, o futebol foi ambiente da convivência pacífica entre as etnias hutu e tútsi. Todavia, o conflito étnico que resultou no massacre de mais de 800 mil pessoas num espaço de cem dias fez com que esse quadro de aparente harmonia ruísse. Vinte anos após o genocídio, o país se esforça em um trabalho permanente pela reconciliação entre as duas etnias e pela preservação da memória dos mortos. Nesse sentido, enfocaremos esse triste capítulo da história de Ruanda, tomando por base os testemunhos de ex-jogadores, sobreviventes das matanças, publicados no capítulo “O desaparecimento das redes”, do livro *Uma temporada de facões* (2005; título original: *Une saison de machettes: récits*, 2003), de Jean Hatzfeld, obra de caráter testemunhal tão cara aos Estudos Literários.

Palavras-chave: futebol; genocídio; Ruanda; lazer; memória; violência.

Abstract: Our article aims to analyze how football has been broadly affected by the Rwandan genocide, occurred between April and July 1994. Considered one of the main sports and leisure modalities in Rwanda for decades, football used to represent an environment of peaceful coexistence between Hutus and Tutsis. However, the ethnic

conflict that culminated in the massacre of over 800,000 people along 100 days caused such picture of apparent harmony to collapse. Twenty years after the genocide, the country struggles with a permanent work of reconciliation between the two ethnic groups and the memory of the dead. In this aspect, we focus on this sad chapter of the Rwandan history, relying on the testimonies by former players who have survived the killings, as published in the chapter “The disappearance of the nets”, from Jean Hatzfeld’s book *Machete Season* (2006), originally entitled *Une saison de machettes: Récits* (2003), a work of testimonial character and great significance for literary studies.

Keywords: football; genocide; Rwanda; leisure; memory; violence.

Recebido em: 31 de agosto de 2016.

Aprovado em: 20 de fevereiro de 2017.

É difícil dimensionar o impacto do genocídio ocorrido de abril a julho de 1994 em Ruanda, ao qual sequer o futebol ficou incólume. Uma das principais modalidades esportivas e de lazer no país, por décadas o futebol foi visto como uma possibilidade de convivência pacífica entre as etnias hutu e tútsi, um dos poucos ambientes culturais em Ruanda, aliás, que tinha a capacidade de promover tal convivência. Cabe lembrar que o futebol, para a sociedade ruandesa, etnicamente heterogênea, parecia produzir um ambiente simbólico em que as rivalidades, aparentemente, podiam ser sublimadas. Todavia, o conflito étnico que resultou no massacre de mais de 800 mil pessoas, a maioria da etnia tútsi, num intervalo de cem dias fez com que essa aparente e frágil harmonia fosse destruída de modo catastrófico. Hoje em dia, vinte anos após o genocídio e o fim da guerra civil, o país não mede esforços para promover a reconciliação entre as etnias, e para cultivar a memória dos mortos.

Nesse sentido, nossa contribuição visa a refletir sobre esse triste capítulo da história do país das “mil colinas”, tomando por base os testemunhos de Tite Rushita, Évergiste Habibirwe e Célestin Mulindwa, ex-jogadores do Bugesera Sport, sobreviventes das matanças, publicados no capítulo “O desaparecimento das redes”, do livro *Uma temporada de facões* (2005; título original: *Une saison de machettes: récits*; 2003), de Jean Hatzfeld, obra de caráter testemunhal, caro aos Estudos Literários. Sem dúvida, trata-se de relatos comoventes daqueles que vivenciaram

de perto a crescente discriminação no ambiente de treinos e jogos, bem como entre os torcedores das equipes, sobretudo a partir do início dos anos 1990, quando eclode a guerra civil no país, numa disputa pelo poder entre o Partido Unitário – Movimento Revolucionário Nacional para o Desenvolvimento (MRND) e a Frente Patriótica Ruandesa (FPR), e são criadas milícias radicais formadas por hutus, as *interahamwe*.

O genocídio em Ruanda: alguns pressupostos

Buscar os pressupostos do genocídio em Ruanda não é tarefa nada fácil. Pesquisadores que lidam com essa temática não são unânimes ao apontar as causas. O jornalista Jean Hatzfeld, por exemplo, defende a tese de que os pressupostos pertenceriam ao próprio universo ruandês, de modo que o genocídio não seria visto como algo “importado” de outros centros, como uma espécie de degeneração moral causada por influências externas.¹ Para o autor de *Uma temporada de facões*, o que ocorreu em Ruanda foi um “genocídio de vilarejo” (“génocide villageois”) ou “genocídio de vizinhança” (“génocide de proximité”),² em que assassinos e vítimas se conheciam. Hatzfeld aponta para uma “africanidade desse genocídio” (“l’africanité de ce génocide”)³ em Ruanda:

[...] Todos os genocídios, sejam eles europeus, americanos, asiáticos ou africanos, fogem aos costumes. E os que pensavam que a proliferação de culturas, as sabedorias ancestrais, as tradições de indulgência e o apetite pela vida – ilustrado pelo famoso ditado “A África é mágica!” – preservariam esse continente se enganaram.⁴

Na contramão dessa visão figura Helmut Walser Smith, autor da obra *The Holocaust and other genocides: history, representation*,

¹ HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 244.

² HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 77-78.

³ HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 244.

⁴ HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 245.

No original, temos: “[...] Tous les génocides échappent aux coutumes, qu’elles soient européennes, américaines, asiatiques ou africaines. Et ceux qui pensaient que le foisonnement des cultures, les sagesses ancestrales, les traditions d’indulgence, l’appétit de vie – illustrés para le fameux adage ‘l’Afrique, c’est magique!’ –, préserveraient ce continent se sont trompés” (HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 247-248).

ethics, publicada em 2002. Para o autor, as raízes do conflito étnico em Ruanda se encontram no período colonial e são fruto de uma política inadequada, promovida pelo governo belga desde 1916, quando invadiu o território da então colônia alemã, integrada ao território da África Ocidental e ao Burundi. Smith ressalta que, em 1933, baseados em teorias pseudorracialistas, cientistas belgas teriam introduzido distinções classificatórias entre as etnias tuás, hutus e tútsis, sendo estes últimos distinguidos a partir do nariz afilado. À época, a percentagem populacional correspondente a cada etnia era a seguinte: tuás (1%), hutus (85%) e tútsis (14%). Além da distinção racial, os tútsis contavam com a preferência dos colonizadores belgas e galgaram postos de destaque na sociedade ruandesa, fato que gerou o ressentimento de hutus. Nos documentos de identidade dos ruandeses, desde a década de 1930, era indicada a etnia de seu portador.⁵

Os primeiros conflitos violentos entre as duas etnias foram registrados em 1959, quando ocorreu um levante armado para depor as lideranças tútsis. Em 1961, através de eleições, hutus chegam ao poder, e em 1962 o país é declarado independente. Os conflitos com os tútsis geraram uma primeira fuga em massa para os países vizinhos, levando cerca de 20 mil tútsis para o Burundi, onde o rei tútsi se encontrava exilado. Em 5 de julho de 1973, ocorreu um golpe militar, com a chegada ao poder do major Juvenal Habyarimana.⁶

Após certo período de estabilidade política, a animosidade entre os grupos étnicos voltou a se acirrar em 1 de outubro de 1990, quando, proveniente de Uganda, um exército rebelde comandado pelo general Fred Rwigyema e formado por cerca de mil exilados ruandeses, a maioria tútsi, invadiu o Norte de Ruanda. Tem início a guerra civil. Em agosto de 1993, com o auxílio da ONU, foi assinado o Acordo de Arucha, que determinou a criação de uma zona desmilitarizada a ser controlada por tropas da ONU, responsáveis por garantir a paz, além das negociações com o Movimento Revolucionário Nacional para o Desenvolvimento (MRND), partido do presidente Juvenal Habyarimana, para incluir membros da Frente Patriota Ruandesa (FPR) no governo.⁷

⁵ SMITH. *The Holocaust and other genocides: history, representation, ethics*, p. 202-203.

⁶ SMITH. *The Holocaust and other genocides: history, representation, ethics*, p. 221.

⁷ SMITH. *The Holocaust and other genocides: history, representation, ethics*, p. 221.

Todavia, nos bastidores, a animosidade dos hutus em relação aos tútsis intensificara-se desde 1990. Pode-se afirmar que o genocídio apareceu no horizonte do governo ruandês no início daquela década. Datam dessa época os “10 Mandamentos do homem hutu” (1990; “The Hutu Ten Commandments”), publicado em 1990.⁸ Além disso, a rádio RTLM e o jornal *Kangura*, ambos veículos de apoio ao governo de Habyarimana, desenvolveram intensas campanhas de difamação dos tútsis, chamados de “iyenzi” (“baratas”), que deveriam ser exterminadas.⁹

Poucos meses antes do início dos massacres em Ruanda, o governo ordenou um recenseamento no sentido de identificar todos os tútsis. Isso seria fatal, pois os endereços de todos tornaram-se conhecidos, o que facilitou a ação futura da *interahamwe* – “aqueles que trabalham juntos”, milícia formada por civis e apoiada pelo MRND, que desempenhou um papel central no genocídio.¹⁰

Com a morte do presidente de Ruanda, Juvenal Habyarimana, em 6 de abril de 1994, num atentado provocado pelo lançamento de um morteiro que abateu o avião presidencial quando este decolava do aeroporto de Kigali, que vitimou também o Presidente do Burundi, Cyprien Ntaryamira, teve início o genocídio.¹¹

A seguir, analisaremos os relatos de alguns ex-jogadores de futebol que “sentiram na pele” os desdobramentos funestos desse atentado, e também da escalção das animosidades promovidas por grupos hutus radicais contra tútsis. Como poderemos verificar, de certo modo, o ambiente do futebol em Ruanda, aparentemente um dos poucos espaços em que ainda havia certo contato amigável entre as etnias, revelou sua fragilidade com o irromper da violência. Tal fato revela, aliás, que o futebol, por seu caráter simbólico, mais do que um elemento auxiliar na solução de conflitos, constitui um âmbito através do qual uma sociedade pode ser interpretada em suas virtudes e vicissitudes.

⁸ SMITH. *The Holocaust and other Genocides: history, representation, ethics*, p. 203-210.

⁹ DUTERME. *Rwanda: une histoire volée. Dette et génocide*, p. 26.

¹⁰ SMITH. *The Holocaust and other genocides: history, representation, ethics*, p. 203.

¹¹ SMITH. *The Holocaust and other genocides: history, representation, ethics*, p. 222.

O testemunho de ex-jogadores: vozes de sobreviventes

Vozes do Bugesera Sport: Tite Rushita, Évergiste Habibirwe e Célestin Mulindwa

A obra *Uma temporada de facções: relatos do genocídio em Ruanda*, escrita e organizada pelo jornalista francês Jean Hatzfeld, foi eleita para compor o *corpus* de nossa análise. Trata-se de uma obra de difícil classificação em termos de gênero, uma vez que não se trata de testemunho *strito sensu*. Neste caso, não temos somente relatos de sobreviventes, vítimas de ações violentas, mas, principalmente, dos próprios perpetradores, intercalados por diversas reflexões de Hatzfeld sobre os relatos e sobre o contexto sócio-histórico que tornou o genocídio possível. Inclusive, Hatzfeld havia publicado em 2000 o livro *Dans le nu de la vie – récits des marais rwandais* (“O nu da vida – relatos dos pântanos ruandeses”), ainda inédito em português, em que reúne relatos de testemunhos de sobreviventes do genocídio, da comunidade de Nyamata. O projeto de publicar uma obra composta por relatos dos assassinos surgiu posteriormente, como afirma Hatzfeld, “por causa das perguntas recorrentes feitas pelos leitores de meu primeiro livro”.¹²

No livro em questão, há um capítulo intitulado “O desaparecimento das redes” (“La disparition des réseaux”), em que aparece o tema do futebol em meio ao genocídio. São apenas algumas poucas páginas que, se destacadas do todo, num primeiro momento, parecem falar do cotidiano no ambiente do futebol. Só aos poucos, o leitor começa a perceber que se trata de mais relatos sobre as matanças. O referido capítulo se inicia com as seguintes palavras de Hatzfeld:

Antigamente, o domingo à tarde, no campo de futebol de Nyamata, era dia de bola de couro, de “botinas”, meias e camisetas: dia do Bugesera Sport, o time de Nyamata. O time violeta e branco jogava na segunda divisão, atraía todo domingo milhares de torcedores e torcedoras que chegam sob o sol canicular, cantando aos brados pelas

¹² HATZFELD. *Uma temporada de facções: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 53. No original, temos: “[...] à la faveur de questions récurrentes posées par des lecteurs du premier livre.” (HATZFELD. *Une saison de machettes: récits*, p. 49).

florestas de Kibungo, Kanzenze, N'tarama, de todas as colinas num raio de trinta quilômetros.¹³

Nota-se que o futebol surge como esporte e lazer para a comunidade de Nyamata, uma atividade dos domingos à tarde. O campo do Bugesera Sport seria uma praça de esportes bem modesta, conforme a sequência do relato:

O campo fica no fim da rua principal, não muito longe do mercado e dos cabarés que o rodeiam, por onde inúmeros comerciantes e *habitués* iam e vinham. Enlameado ou pedregoso, dependendo das estações do ano, cercado de mato onde pastam cabras e vacas, é pisoteado pelos pés dos meninos que o disputam durante a semana, e agora suas balizas são as barras de ferro regulamentares.¹⁴

Portanto, o Bugesera Sport era um time modesto, de uma cidade provinciana, que disputava a segunda divisão do campeonato ruandês à época em que começaram os massacres. Se aos domingos a população da cidade de Nyamata e de outros lugarejos da região acorria ao campo para torcer pela equipe, durante a semana o campo era ocupado por garotos que dele faziam sua praça de lazer, na crença de um dia poderem vestir também o uniforme do clube. Até este ponto do capítulo “O desaparecimento das redes”, Hatzfeld procura situar o leitor em relação ao que está por vir: primeiramente, aponta para o domingo como dia

¹³ HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 114. No original, temos: “Jadis, le dimanche après-midi, sur le terrain de Nyamata, c’était jour de ballon de cuir, de ‘godillots’, de bas et de tricots: le jour du Bugesera Sport, l’équipe de Nyamata. Elle jouait en deuxième division, couleurs violet et blanc, attirait chaque dimanche des colonnes de milliers de spectatrices et de spectateurs que descendaient sous le soleil caniculaire en chantant à tue-tête à travers les forêts, de Kibungo, Kanzenze, N’tarama, de toutes les collines à trente kilomètres à la ronde.” (HATZFELD. *Une saison de machettes: récits*, p. 111).

¹⁴ HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 114. No original, temos: “Le terrain se situe au bout de la grand-rue, pas très loin du narché et des cabarets que le bordent, où nombre de commerçants et d’habitués allaient et venaient. Boueux ou rocailleux selon les saisons, entouré de broussailles où paissent chèvres vaches, il s’est aplani sous les pieds des gamins qui se le disputent en semaine, et s’est doté de buts à barres de fonte réglementaires.” (HATZFELD. *Une saison de machettes: récits*, p. 111).

especial de esporte e lazer; em seguida, situa o campo também como uma praça de esporte (aos domingos) e de lazer (durante a semana). Na sequência, o autor segue com essa estratégia argumentativa e apresenta a origem modesta do clube de Nyamata:

Quando o time nasceu, os jogadores chutavam uma bola feita de folhas de bananeira, jogavam de pés descalços, os torços nus contra o vento, na própria rua principal: era a época dos pioneiros. Então jogaram com bola de espuma de colchão num campo precariamente desmatado; depois com bola de borracha. Esse time integrou jogadores das duas etnias, e seu período áureo foi nos anos 70, com as primeiras bolas de couro e as travas nas solas da chuteira.¹⁵

Podemos dizer que a descrição apresentada por Hatzfeld nos faz lembrar as práticas futebolísticas em áreas populares de grande carência, em que o improvisado leva os praticantes do futebol a buscarem meios baratos e acessíveis para poder praticá-lo. A ascensão do Bugesera Sport é, automaticamente, associada aos materiais disponíveis para a prática: “bola feita de folhas de bananeira”, “bola de espuma de colchão”, “bola de borracha” e, finalmente, “bolas de couro”. Eminentemente popular, o Bugesera teria nascido nas ruas de Nyamata, passando a ocupar “um campo precariamente desmatado”, até conseguir ter um campo em melhores condições para a prática do futebol, que não era mais jogado descalço, mas sim com “as travas nas solas da chuteira”. Um dado importante nessa passagem citada é também a menção ao ambiente do Bugesera como um espaço de integração entre as etnias hutu e tútsi.

Até aqui, Jean Hatzfeld apresenta as informações gerais que obteve em relação ao clube. A partir daí, ele dá voz a algumas personagens importantes que relatam o futebol em Nyamata e também o genocídio. A primeira delas é um ex-craque do Bugesera Sport, Tite Rushita,

¹⁵ HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 114. No original, temos: “À la création de l'équipe, les joueurs ont tapé la boule de feuilles de bananes, pieds nus, torses nus contre marcel, à même la grand-rue: c'était l'époque des pionniers. Puis ils ont tapé la boule de mousse à matelas sur un terrain à peine défriché; ensuite la balle en caoutchouc. Cette équipe a intégré les joueurs des deux ethnies; sa belle époque remonte aux années 70, celles des premiers ballons de cuir et des crampons.” (HATZFELD. *Une saison de machettes: récits*, p. 111).

“o antigo ídolo, que com a camisa número 10 dominou o jogo durante uns 15 campeonatos”.¹⁶

Havia um comerciante rico chamado François e um próspero transportador chamado Léonard. Como tinham muita grana, ajudavam o time com pequenas vantagens. Recebíamos espetinhos de carne e refrigerantes, éramos conduzidos de carro até nossos terrenos. Os que moravam longe podiam pedir emprestada uma bicicleta para vir aos treinos.¹⁷

Tite Rushita lembra-se, portanto, de uma época em que o modesto clube, sem grande estrutura, contava com o apoio de alguns comerciantes para possibilitar que os jovens treinassem e jogassem pelo Bugesera, inclusive vindos de pontos mais distantes de Nyamata. Isso nos faz lembrar a dificuldade que, até hoje, alguns garotos das periferias das grandes cidades brasileiras encontram para se deslocar aos campos de treinamento dos grandes clubes. E as premiações que, segundo Tite Rushita, eram pagas aos jogadores, também lembram os primórdios do futebol em outras partes do mundo e um sistema de informalidade que, não obstante a globalização e a mercantilização do futebol, ainda existe no ambiente de times modestos como o Bugesera: “Se conseguíamos vitórias fantásticas, podíamos até ganhar uma cabra ou sacos de grãos dos comerciantes satisfeitos. A vida no futebol era lucrativa. Foi assim que nos fortalecemos o suficiente para jogar duas temporadas na primeira

¹⁶ HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 115. No original, temos: “[...] l’ancienne star, qui mena le jeu sous le maillot numéro 10 au cours d’une quinzaine de championnats [...]” (HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 111-112).

¹⁷ RUSHITA *apud* HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 115. No original, temos: “Il y avait un riche commerçant dénommé Francois et un transporteur prospère dénommé Léonard. Comme ils étaient très poignée, ils épaulaient l’équipe avec de menus avantages. On recevait des brochettes et des boissons sucrées, on était véhiculés jusqu’à nos parcelles. Ceux qui habitaient loin pouvaient se faire prêter un vélo pour venir aux entraînements.” (RUSHITA *apud* HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 112).

divisão.”¹⁸ Até este momento, nada de extraordinário tanto nas palavras introdutórias de Jean Hatzfeld quanto nos relatos de Tite Rushita. Todavia, a partir desse ponto do texto, o tema do genocídio se faz presente, conforme as palavras de Hatzfeld, que retoma o fluxo da narrativa:

O declínio do time data do início dos anos 90, com a recrudescência dos ataques *inkotanyi* e a criação das milícias *interahamwe*. Em Nyamata, o treinador tútsi da época é despedido por ordem do burgomestre Bernard; os comerciantes já quase não se deslocam para ir ao campo; os jogadores hútus, por causa de seu prestígio, são requisitados para os primeiros desfiles e comícios, e não comparecem aos jogos e treinos.¹⁹

Conforme podemos constatar nas palavras do jornalista, o declínio do Bugesera Sport coincide com a deflagração da guerra civil no Norte do país, com a menção aos *inkotanyi* – que significa “invencíveis”, nome dado aos rebeldes da FPR – e à criação da milícia *interahamwe*, organização paramilitar apoiada pela cúpula do governo ruandês, formada por extremistas hutus, que se tornaria protagonista no genocídio. A discriminação a integrantes da equipe, que eram da etnia tútsi, se intensificou a partir dos anos 1990, e atingiria o seu auge após o início das matanças, em abril de 1994. Num salto temporal, Hatzfeld menciona o que teria ocorrido ao jogador após esse momento: “Tite Rushita é um sobrevivente dos pântanos. Hoje divide seu tempo entre o treinamento de garotos, à tarde, e as cervejas Mutzig, à noite, no Chicago ou no

¹⁸ RUSHITA *apud* HATZFELD. *Uma temporada de facções*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 115. No original, temos: “Si on accrochait de splendides victoires, on pouvait mêmes emporter une chèvre ou des sacs de grain des mains des commerçants contents. La vie de ballon était profitable. C’est ainsi qu’on a forcé suffisamment pour jouer deux saisons en première division.” (RUSHITA *apud* HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 112).

¹⁹ HATZFELD. *Uma temporada de facções*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 115. No original, temos: “Le déclin de l’équipe date du début des années 90, avec le durcissement des attaques *inkotanyi* et la création des milices *interahamwe*. A Nyamata, l’entraîneur tutsi de l’époque est renvoyé sur l’ordre du bourgomestre Bernard, les commerçants ne se déplacent plus guère jusqu’au terrain, les joueurs hutus sont réquisitionnés à cause de leur prestige dans les premières parades et meetings, ratent matchs et entraînements.” (HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 112).

Marie-Louise”.²⁰ A seguir, Hatzfeld volta a dar voz a Tite Rushita, que narra o clima que se instaurara no clube alguns meses após o genocídio: “Antes do jogo, mostravam-se todos sorrisos, no campo escondiam os pensamentos, mas depois do jogo não iam mais beber juntos. O time parecia manco, e cambaleava diante de uns adversários insignificantes”.²¹

Os acontecimentos de abril a julho de 1994 teriam selado uma cisão crescente entre hutus e tútsis, que se refletia também dentro de campo, e que demandaria tempo e uma política eficaz de reconciliação entre as etnias. Prosseguindo com a argumentação sobre o ambiente do Bugesera Sport à época dos massacres, Hatzfeld apresenta mais um ex-jogador, Évergiste Habihirwe:

A estrela da última seleção que jogou antes das matanças é Évergiste Habihirwe, o sucessor de Tite. Ele é tútsi, sobrevivente e também canhoto. Não quer mais ouvir falar de futebol, apesar dos apelos dos amigos e comerciantes. De boné enfiado na cabeça, só sai de seu lote de terra para ir à casa de Marie, a gerente do cabaré *Au Coin des Veuves*, em Kanzenze.²²

A seguir, Hatzfeld dá voz ao ex-craque do Bugesera Sport, que relata o péssimo ambiente que se instaurou no clube com o recrudescimento da animosidade entre as etnias, sobretudo motivado

²⁰ HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 115. No original, temos: “Tite Rushita est um rescapé des marais. Il partage aujourd’hui son temps entre l’encadrement des gamins, l’après-midi, et des bières Mutzig, le soir chez Chicago ou chez Marie-Louise.” (HATZFELD. *Une saison de machettes: récits*, p. 112).

²¹ RUSHITA *apud* HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 115. No original, temos: “Avant le match, ils se montraient des sourires, sur le terrain ils se cachaient des pensées, mais après le match ils ne partageaient plus les boissons. L’équipe boitait bas et se faisait trébucher par des adversaires de rien du tout.” (RUSHITA *apud* HATZFELD. *Une saison de machettes: récits*, p. 112).

²² HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 115-116. No original, temos: “La vedette de la dernière équipe qui joua avant les tueries est Évergiste Habihirwe, le successeur de Tite. Il est tutsi, rescapé et gaucher lui aussi. Il ne veut plus entendre parler de foot, malgré les appels des amis et des commerçants. Une casquette vissée sur la tête, il ne sort de sa parcelle que pour se rendre chez Marie, qui tient le cabaret *Au Coin des Veuves*, à Kanzenze.” (HATZFELD. *Une saison de machettes? récits*, p. 112-113).

pelos comícios programáticos em que políticos incitavam hutus contra tútsis:

Certos dias, os jogadores hútus saíam do treinamento para escutar os comícios. Quando voltavam, sabotavam perversamente nossos tornozelos. Então, durante as partidas o jogo violento sobrepunha ao jogo bonito. Os atacantes não visavam mais aos gols, a torcida se calava. Deboches e cochichos iam se propagando.²³

Segundo Hatzfeld, assim como vários tútsis na região, “Évergiste criava um rebanho de *ankolé* [i.e., gado típico de Ruanda] nos pastos do alto de Kanzenze”.²⁴ Na primeira manhã em que ocorreram os massacres, o jogador buscou abrigo na casa de Ndayisaba, companheiro do Bugesera Sport, da etnia hutu, que considerava ser seu amigo, e que morava nas proximidades. Assim relata Évergiste: “Quando cheguei ao quintal de sua casa, ele segurava o facão, vi que já tinha cortado duas crianças. Por sorte o tempo me proporcionou um pequeno intervalo para fugir. Na minha casa, já era tarde demais, não revi mais ninguém”.²⁵ Em seguida, o ex-jogador do Bugesera Sport relata a fuga e alega ter se tornado “caça” de seus próprios companheiros de clube:

²³ HABIHIRWE *apud* HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 116. No original, temos: “Certains jours, les joueurs hutus quittaient l’entraînement pour écouter des meetings. Quand ils revenaient, ils nous sabtaient méchamment les chevilles. Alors, pendant les matchs, le jeu robuste pourchassait le beau jeu. Les tireurs ne visaient plus les buts, les chants se taisaient. Moqueries et murmures allaient grondant.” (HABIHIRWE *apud* HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 113).

²⁴ HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 116. No original, temos: “À l’époque, Évergiste élevait un troupeau d’ankolé sur lês prairies au-dessus de Kanzenze.” (HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 113).

²⁵ HABIHIRWE *apud* HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 116. No original, temos: “Quand je suis arrivé dans sa cour, Il tenait sa machette, j’ai vu qu’il avait déjà coupé deux enfants. Par chance, le temps m’a proposé un petit répit pour m’enfuir. Chez moi, c’était déjà trop tard, je n’ai plus revu personne.” (HABIHIRWE *apud* HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 113).

Corri pela floresta com minhas pernas de jogador. De dia eu me enterrava entre os sorgos, à noite escavava a terra à cata de mandioca. Em volta da casa, ouvia os jogadores do time, que caçavam. Eram justamente aqueles para quem eu passava a bola antes. Gritavam: “Évergiste, selecionamos um monte de cadáveres, ainda não vimos o seu rosto de barata. Vamos acabar te descobrindo. Vamos trabalhar de noite se for preciso, mas vamos te acertar”. Berravam e brigavam entre si por não ter me agarrado. Os jogadores eram os mais tenazes para cortar os outros. Tinham a ferocidade da bola no coração.²⁶

É importante salientar que, nas palavras de Évergiste, emanam algumas expressões comuns no discurso antitútsi, que também acompanhou as matanças: primeiramente, a expressão “barata” (*cancrelat*, em francês; *inyenzi*, em kyniarwanda), que era empregada pejorativamente para designar tútsis; em segundo lugar, o termo “trabalho” (*travail*) empregado pelos assassinos para definir suas atividades nas matanças. No cabaré de Marie-Louise, em Kanzenze, onde Jean Hatzfeld se reunira com Évergiste Habibirwe e Tite Rushita para conversar sobre os tempos de Bugesera Sport e sobre as matanças, Tite se sentiu tocado pelas palavras de Évergiste e relatou o que também ocorrera com ele:

Comigo também, os jogadores fizeram de tudo para me cortar. Eram obrigados. Eram uns *interahamwe* famosos graças ao futebol, deviam ser congratulados graças ao futebol. Tinham de cortar os jogadores famosos. No time, nem um único jogador estendeu a mão a outro jogador. Nenhum fechou os olhos diante de uma cumplicidade

²⁶ HABIHIRWE *apud* HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 116. No original, temos: “J’ai couru dans la forêt avec mes jambes de joueur. Le jour je m’enterrais dans les sorghos, la nuit je chapardais la terre en quête de manioc. Autour de la maison, j’entendais des jouerus de l’équipe qui chassaient. C’étaient bien ceux qui m’échangeaient le ballon auparavant. Ils criaient: ‘Évergiste, on a trié les tas de cadavres, on n’a pas encore remarqué ton visage de cancrelat. On va bien te dénicher. On va travailler la nuit si nécessaire, mais on va te cibler.’ Ils hurlaient et se chamaillaient de ne pas m’attraper. Les jouerus, c’étaient les plus tenaces pour couper les joueurs. Ils avaient la férocité du ballon dans le cœur.” (HABIHIRWE *apud* HATZFELD. *Une saison de machettes*, p. 113).

simpática. Quem se atrevesse teria sido decepado ali mesmo.²⁷

Portanto, nos relatos de Évergiste e de Tite, revela-se a virulência com que a propaganda antitútsi atingiu também o ambiente do futebol, em que uma aparente convivência relativamente pacífica entre as etnias deixaria de existir e culminaria com a participação de jogadores hutus nos massacres, caçando até mesmo a seus companheiros tútsis. Innocent Rwililiza, que acompanhava Jean Hatzfeld nas conversas e fazia as vezes de intérprete quando necessário, relatou um caso em que outro jogador de futebol, Mbarushimana, teria colaborado para as matanças, mesmo sendo tútsi. De modo irônico, Innocent relata:

Mas conhecemos um caso de bom entendimento entre os jogadores de futebol. Um caso de ajuda mútua, entre centenas de jogadores. Era um tútsi chamado Mbarushimana, apelidado de Mushimana. Jogava no time com a camisa número 6. Durante as matanças, denunciou vizinhos tútsis, revelou esconderijos, orientou expedições de caça dos matadores. Esperou salvar a própria vida ajudando-os a cortar os colegas de time. Os *interahamwe* o usaram e, bem no final, mataram-no e o deixaram atravessado numa estrada. Sem empurrá-lo para dentro de uma vala.²⁸

²⁷ RUSHITA *apud* HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 116-117. No original, temos: “Moi aussi, les joueurs ont tout fait pour me couper. Ils étaient tenus. Ils étaient des *interahamwe* renommés grâce au football, Ils devaient se faire complimenter grâce au football, ils devaient couper des joueurs renommés. Dans l’équipe, pas un équipier n’a tendu la main à un équipier. Pas un n’a fermé les yeus sur une gentille complicité. Celui qui l’aurait osé, il aurait été découpé sur place.” (RUSHITA *apud* HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 113-114).

²⁸ RWILILIZA *apud* HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 117. No original, temos: “On connaît toutefois un cas de bonne entente chez les footballeurs. Un cas d’entraide sur des centaines de joueurs. Il était tutsi Du nom de Mbarushimana, surnommé Mushimana. Il jouait dans l’équipe avec le numéro 6 dans le dos. Pendant les tueries, il a dénoncé des avoisinants tutsis, il a soulevé des cachettes, il a aiguillé des expéditions de chasse des tueurs. Il a espéré sauver sa vie en les aidant à couper ses équipiers. Les *interahamwe* se sont servi de lui et à la fin des fins l’ont abattu en travers d’un chemin. Sans le pousser dans un fossé.” (RWILILIZA *apud* HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 114).

Evidencia-se, portanto, que o ambiente do futebol, não obstante toda a sua força simbólica que sinalizava como uma espécie de elemento agregador para a diversidade étnica da sociedade ruandesa, fora atingido profundamente por uma propaganda genocida, e não ficara incólume às matanças, produzindo vítimas e algozes. De acordo com Hatzfeld, a última partida disputada pelo Bugesera Sport antes do início do genocídio foi em fevereiro de 1994, contra a equipe do Gashora, cuja composição segundo as etnias teria sido a seguinte: “cinco hütus, cinco tútsis e um filho de casamento misto – mãe tútsi e pai hütu”.²⁹ Este último, Célestin Mulindwa, é um dos três jogadores da equipe que sobreviveram às matanças, e o único que, à época em que fora entrevistado por Jean Hatzfeld, ainda mantinha alguma ligação com o futebol: “Esse rapaz é um dos três sobreviventes do time e o único que ainda bate uma bola aos sábados e domingos, com colegas professores ou com as crianças de seu povoado”.³⁰ Citamos, a seguir, as palavras de Célestin, que define de modo acurado o que ocorrera em 1994: “Vivíamos como irmãos jogadores, separamo-nos como irmãos inimigos. O amor pela bola ruiu sob a primeira machetada. Sabe, nada resistiu ao genocídio, que inesperadamente decepcionou o futebol, com todo o resto...”³¹

O objetivo de Hatzfeld com o capítulo “O desaparecimento das redes” foi justamente agrupar os relatos que demonstrassem que, em Nyamata e na região, os perseguidos praticamente não encontraram refúgio ou auxílio, ficando lançados à própria sorte:

Na comuna de Nyamata, nem um só reflexo de camaradagem entre os jogadores de futebol, nem um só

²⁹ HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 117. No original, temos: “[...] cinq Hutus, cinq Tutsis et d’un fils de mariage mixte – mere tutsie et père hutu [...]” (HATZFELD. *Une saison de machettes: récits*, p. 114).

³⁰ HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 117. No original, temos: “Ce dernier est l’un des trois survivants del’équipe et le seul que tape encore dans le ballon les samedis et dimanches, avec des collègues enseignants ou des enfants de son hameau.” (HATZFELD. *Une saison de machettes: récits*, p. 114).

³¹ MULINDWA *apud* HATZFELD. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*, p. 117. No original, temos: “On avait vécu em frères joueurs, on s’est quités en frères ennemis. L’amour du ballon a percé sous le premier coup de machette. Vous voyez, rien n’a résisté au génocide, il a coupé le football à l’improviste, comme tout le reste...” (MULINDWA *apud* HATZFELD. *Une saison de machettes: récits*, p. 114-115).

gesto de compaixão com os recém-nascidos. Nenhum laço de amizade ou de amor que tenha sobrevivido, num coral religioso, numa cooperativa agrícola. Nenhuma insubmissão num povoado, nenhuma tentativa numa turma de adolescentes.³²

Pode o futebol afastar a morte dos campos? À guisa de uma conclusão

Após o genocídio, a primeira partida de futebol em Ruanda foi realizada em 11 de setembro de 1994, pouco mais de dois meses após o fim dos massacres. A partida reuniu as equipes do Kiyovu e do Rayon Sports no Estádio de Kigali. Milhares de torcedores foram ao estádio num evento que não só os trazia de volta ao cotidiano do futebol, como também os fazia retomar um caminho de volta àquele ambiente que, em princípio, reunia os ruandeses, indistintamente, num único gesto: “assistir e desfrutar de um jogo de futebol”, conforme consta no artigo “Commemorating 20 years of Rwanda genocide”, publicado pela Confederation of African Football (CAF) em 4 de junho de 2014.³³

Dez anos após o massacre, em 2004, a seleção ruandesa já retomava a sua imagem de representante da nação, pelo menos para as autoridades do país, que alimentavam um discurso de unidade nacional e identificavam no futebol sua força simbólica de elemento agregador, como havia sido no passado. Por ocasião da partida que levou a equipe à fase final da Copa Africana de Nações naquele ano, o presidente Paul Kagame manifestou sua opinião a respeito do futebol como elemento de união entre os ruandeses:

A alegria de hoje pertence a todos e a cada um; daqueles milhares de cidadãos que estavam presentes no estádio, bem como os outros que não vieram para assistir ao jogo;

³² HATZFELD. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda, p. 121. No original, temos: “Sur la commune de Nyamata, pas un réflexe de camaraderie de footeux, pas un geste de compassion pour les nourrissons à relever. Aucun lien d’amitié ou d’amour qui ait ervécu, au sein d’une chorale religieuse, d’une coopérative agricole. Aucune insoumission dans un hameau, aucune tentative dans une bande d’adolescents.” (HATZFELD. *Une saison de machettes*: récits, p. 118).

³³ “[...] watching and enjoying a game of football” (CONFEDERATION of African Football. *Commemorating 20 years of Rwanda genocide*, tradução nossa).

todos eles ficaram felizes, seja lá onde quer que tenham celebrado em todo o país, vendo a partida pela TV ou ouvindo pelo rádio. Isto tem um significado: a vitória e a satisfação são para a nação.³⁴

O antropólogo Tayeb Rehaïl traça um quadro acurado de especificidades dos países africanos que bem se aplica ao caso de Ruanda, no sentido de ver no esporte de alto rendimento – incluindo o futebol – o elemento por excelência que pode auxiliar na produção do chamado “sentimento nacional” de unidade:

Os Estados africanos, geralmente compostos por uma infinidade de grupos étnicos que não necessariamente partilham das mesmas culturas e práticas, tornam difícil o reagrupamento sob uma identidade comum. São os que mais frequentemente usam o esporte de alto rendimento para criar em suas populações um sentimento de pertença e, assim, desenvolver um sentimento de nacionalidade.³⁵

Nessa mesma direção, Karekezi Olivier, o então capitão da seleção de Ruanda, avaliou a importância do futebol para despertar esse sentimento de unidade nacional: “Após o genocídio, costumávamos jogar futebol para promover unidade e reconciliação”.³⁶ Olivier, que encerrou sua carreira de jogador recentemente, considera que a construção de um

³⁴ “Today’s gladness belongs to one and all; from those thousands of citizens who were present at the stadium as well as the others who did not come to attend the match; they were all happy wherever they have been celebrating all over the country watching TV or listening to radios. This has a meaning: the victory and the satisfaction are for the nation.” (KAGAME *apud* CONFEDERATION of African Football. Commemorating 20 years of Rwanda genocide, tradução nossa).

³⁵ “Les États africains, composés généralement d’une multitude de groupes ethniques n’ayant pas forcément des cultures et pratiques communes, rendent difficile le regroupement de ces derniers sous une identité commune. Ils utilisent le plus souvent le sport de haut niveau pour créer chez leurs populations un esprit d’appartenance et développer ainsi un sentiment national.” (REHAÏL. Une sociologie de l’Afrique à travers son football, tradução nossa).

³⁶ “After the genocide, we used to play football for unity and reconciliation.” (OLIVIER *apud* CONFEDERATION of African Football. Commemorating 20 years of Rwanda genocide, tradução nossa).

senso de unidade após o genocídio forneceu a base para um momento de sucesso da seleção ruandesa nas eliminatórias para a Copa Africana de Nações de 2004: “Em poucas palavras, o genocídio de 1994 deixou para a comunidade ruandesa uma lacuna que não poderia ser facilmente preenchida sem o futebol”,³⁷ afirmou o ex-capitão.

Como aponta Tayeb Rehaïl, há motivos para esse tipo de construção de sentimento nacional que vão além do âmbito do próprio futebol africano:

O jogo de futebol popular catalisa uma identidade simbólica comum à equipe e aos espectadores, graças à influência da religião e às tradições culturais e tribais. Esta forma de “contrato social” comunitário não funciona tão bem quando são a política e a classe dominante que exploram a equipe nacional para criar uma unidade nacional. Na verdade, elementos de jogos tradicionais continuam a ocorrer no momento da preparação e da realização dos jogos e nas expressões gestuais, musicais e culturais dos torcedores.³⁸

Para o estudioso, “a diversidade dos registros tradicionais comunitários, étnicos e modernos que estão ligados aos africanos fez do futebol um lugar de mestiçagem cultural e étnica muito rica”.³⁹

Sem dúvida, o genocídio custou a vida de muitos jogadores, árbitros, jornalistas esportivos e outras personalidades importantes do

³⁷ “In a few words, the 1994 genocide left for the Rwandese community with a gap we couldn’t easily fill without football.” (OLIVIER *apud* CONFEDERATION of African Football. Commemorating 20 years of Rwanda genocide, tradução nossa).

³⁸ “Le match de football populaire catalyse une identité symbolique commune à l’équipe et aux spectateurs grâce à l’influence de la religion et des traditions culturelles et tribales. Cette forme de ‘contrat social’ communautaire ne fonctionne pas aussi bien lorsque c’est la politique et la classe dominante qui instrumentalisent l’équipe nationale afin de créer une unité nationale. En effet, des bribes des jeux traditionnels ne cessent de se manifester au moment de la préparation et de la réalisation des matchs et dans les gestuelles et les expressions musicales et culturelles des supporters.” (REHAÏL. Une sociologie de l’Afrique à travers son football, tradução nossa).

³⁹ “La diversité des registres traditionnels communautaires, ethniques et modernes auxquels sont connectés les Africains fait du football un lieu de métissage culturel et ethnique très riche.” (REHAÏL. Une sociologie de l’Afrique à travers son football, tradução nossa).

futebol ruandês. Jovens talentos, atletas na ativa e jogadores veteranos foram perdidos. Numa longa lista figuram nomes como os do goleiro Louis Kirenga do Rwinkwavu, de Rudasingwa Martin Kunde, capitão do Kiyovu Sports, e de Munyurangabo Lonjin, também do Rayon Sports; ou ainda dos árbitros Kiwanuka Joseph, Bahanuzi Akilimali e Kagabo Innocent, ou do locutor esportivo Kalinda Viateur, todos mortos.⁴⁰

Portanto, nos últimos vinte anos, o futebol em Ruanda parece ter se tornado, a partir de políticas públicas voltadas para a reconstrução de uma unidade nacional, por assim dizer, muito mais que um jogo: como no passado, a ele cabe uma tarefa simbólica fundamental no sentido de contribuir para a suspensão de eventuais diferenças étnicas e para o cultivo de sentimentos de tolerância, respeito e solidariedade em uma sociedade que, geração após geração, rememorar seus mortos. Futuras investigações poderão avaliar em que medida, de fato, o futebol pode ser esse elemento agregador em uma sociedade pós-guerra civil e pós-genocídio, e se, em termos simbólicos, ele de fato tem a capacidade de auxiliar de modo eficaz na retomada da convivência pacífica entre as etnias.

Referências

CONFEDERATION of African Football. Commemorating 20 years of Rwanda genocide. *CAF*, 4 Apr. 2014, 10h52min. Disponível em: <<http://www.cafonline.com/en-US/NewsCenter/News/NewsDetails?id=tYeGk%2F9wzein8H42XGhgNQ%3D%3D>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

DUTERME, Renaud. *Rwanda: une histoire volée. Dette et génocide*. Mons: Editions Tribord, 2013.

HATZFELD, Jean. *Uma temporada de facões: relatos do genocídio em Ruanda*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HATZFELD, Jean. *Une saison de machettes: récits*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

⁴⁰ CONFEDERATION of African Football. Commemorating 20 years of Rwanda genocide.

REHAÏL, Tayeb. Une sociologie de l'Afrique à travers son football. *Revue Africaine des Livres*, Addis-Abeba, Oran, v. 9, n. 1, p. 1-4, mar. 2013.

SMITH, Helmut Walser. *The Holocaust and other genocides: history, representation, ethics*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2002.